

# EXERCÍCIO DE TERRA

huggo iora



EXERCÍCIO DE TERRA





**EXERCÍCIO DE TERRA**  
hugo iora



1<sup>a</sup> edição

*Tempus Fugit*  


Copyright © 2023 by huggo iora  
Copyright © 2023 by Adentro e Através  
Todos os direitos reservados

PPREPARAÇÃO E CAPA

*Tania A. Iora Guesser*

REVISÃO

Luiz Antônio Bogo Chies

Nesta edição, respeitou-se o novo acordo ortográfico da língua portuguesa.

---

164e

Exercício de terra / Huggo Iora. 1 ed. – Pelotas: Ed. Adentro e Através, 2023.

69 páginas

ISBN 978-65-998770-2-5

1. Gauchos - Usos e costumes - Brasil 2. Poesia brasileira I. Título.

23-170967

CDD B869.1

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira B869.1

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



[2023]

Editora Adentro e Através  
CNPJ 47.504.983/0001-67  
[www.adentroeatraves.com.br](http://www.adentroeatraves.com.br)  
[bogochies@gmail.com](mailto:bogochies@gmail.com)

*Para Benício  
&  
Angelita*



*sapatos florescem,  
dependendo dos pés que os calcem.*



# SUMÁRIO

## APRESENTAÇÃO

Gustavo Matte

I

17. Gênese
18. Andejo
19. Dúvida
20. Rebelião
21. Dedos de prosa
22. Sombras
23. Da vidraça
24. Cancioneiro de silêncios

II

29. Idílio
32. Monocromática
33. Daguerreótipo três por 4
34. Música destoante
35. Tarde qualquer
36. Ortográfico
37. Fogo fátuo
38. O guri das orelhas de rebenque
39. Ansiedade
40. Melancolia
41. Autoridade

III

- 47.** Imaginação
- 48.** Yanel
- 49.** Juventude
- 50.** Fotografia
- 51.** Desconstrutoras
- 52.** Um talvez haicai
- 53.** (Re)ciclo
- 55.** Pergunta
- 56.** Poema
- 57.** Intuição
- 58.** Amor
- 59.** Outra pergunta
- 60.** Noite
- 61.** Confissão

**AO SUL**

huggo iora

**SOBRE O AUTOR**



APRESENTAÇÃO

Gênese ao contrário. Anti-verbo. Desfazer os limites, as fronteiras criadas com as palavras, baixar as cercas que encerram latifúndios. No território infinito, indiviso do sensível, “a terra em seu exercício primeiro, sem o crime da linguagem”, é quem sopra o caminho a este poeta, este ser de alma errante, animado pela vontade de um testemunho puro do espaço, sem viés e sem limites: sem palavras.

Daí, com uma pena alongadamente elíptica, buscando mais a linha que o verso, este livro nos entrega um cancioneiro de silêncios, imitando os horizontes longilíneos, alongados, espaçosos, fundos da paisagem pampeana (ou dos vastos de oceanos e lagunas) – lugares do vagar errático de uma sensibilidade solitária, mas com “alma de proa”, que também experimenta a fortuna dos encontros com outros andarengos do sensível, cruzando-se e afastando-se nas juntas dos caminhos. As epígrafes, por exemplo, são escolhidas bem nesse sentido, trazendo para o livro essas vozes encontradas e localizando-as em seu amplo espaço escrito, onde a poesia também é espaçada e ampla, não apenas nos respiros da mancha gráfica, mas na amplitude ecoante de seus efeitos líricos.

Assim resulta este lirismo de paisagens – não um lirismo “paisagístico”, num sentido pictórico e descritivo, mas que integra a experiência do espaço na subjetividade lírica: esta voz é a do próprio espaço pelo qual se anda e em relação ao qual tenta se localizar. Dia/noite, sol/lua, ruas/prados, porteiros e janelas são sugestões significativas, como elementos externos que servem de referência na deambulação poética de um andarilho sentimental, naufrago sem praia à vista, na deriva da linguagem.

Abra, entre, vague, perca-se. Ache um cantinho provisório para um acampamento em que passar a noite, em que fugir do frio. Mas, sobretudo, descubra os teus caminhos pelas linhas de hugo iora, e tente entender que, neste Exercício, em se tratando de paisagens e geografias, não podemos contentar o nosso olhar comvê-las, mas nosso espírito com sê-las.

**Gustavo Matte**

Escritor

I



*“Huir lo viejo.  
Mirar el filo que corta un agua espumosa y pesada.  
Arrancarse de lo conocido  
Beber lo que viene.  
Tener alma de proa.”*

**Ricardo Güiraldes**

*“nuestro norte es el Sur.”*

**Joaquín Torres García**



## GÊNESE

É a terra que inaugura  
sob os calcanhares da urgência  
um tempo próprio

no qual todas as coisas  
tornam-se  
as coisas mesmas  
sem a fronteira que são

as palavras

E a rotação persiste mais  
do que somente um  
dia  
E a bússola aponta sempre para o sul  
E a cabeça se vê  
desocupada  
de deuses e ciências  
E as sangas percorrem caudais  
pelos rumores da  
pedra...

É a terra  
em seu exercício primeiro

sem o crime da linguagem  
sem o perfume dos metais

onde a vida expõe-se  
bela  
à observação,  
indizível

## **ANDEJO**

Palmeiras debruçadas sobre  
minha lentidão

Sou sombra      pouso                mugido  
efêmero,  
quase

Fim de tarde que dos olhos apeia

O sol                indo  
dourar outros meridianos enquanto  
as pampas  
silenciam verdes lisos

A morte de ivan ilitch no porta-luvas  
da memória

A hora passada  
dentro dos  
anos  
passados

Um voo ígneo

E as aves indômitas me sopram o caminho  
que leva à casa

assim como faz a vida  
àqueles que têm  
a alma  
errante

## DÚVIDA

Pele ao alcance da voz

Delírios que me eram  
que me são

e me sentem  
sitiado  
num próprio interior afora

cujo ventre aflora  
música latina dada  
doida

que tocatrema    gemê                 trama  
num próprio interior adentro

aonde parto lento  
entre naus soterradas  
e empréstimos concedidos  
por sorte

O sul ao invés  
do norte

A brisa em brasa  
asa de fumaça  
lisa

Comer depois dormir

Com qual cara    hoje  
irei me  
vestir?

# **REBELIÃO**

De lenços vermelhos  
no interior da mata  
camuflaram-se  
maragatos

Nas faces:  
o suor  
o anseio

E nas mãos o atalho e a utopia

Azar da tropa que ousasse  
refreá-los  
ainda que munida de metralhadoras  
ou mentiras

Coronéis            Generais            Castilhistas  
abaixo!

Abaixo a ordem  
sustentada pela fraude  
e a moral ungida de conservadorismos épicos

qualquer que seja a época  
qualquer que seja o enredo

A fruta podre  
às moscas  
resta  
assim  
no céu  
como na terra

## **DEDOS DE PROSA**

Alucinação de pássaro

Léguas vagas  
vagueando pensamentos meus

Um arroio  
anterior aos pavimentos  
em cuja beira mataram sede  
teus cavalos

Mil memórias

Milongas

Migalhas

E de farrapo em  
farrapo  
costuro a vida

Enquanto as árvores me falam do alto  
a terra,  
de dentro

## SOMBRA

Desprezo a vida asfaltada  
repleta de horizontes próximos  
e placas de sinalização

Quero o pisoteio trôpego  
sem a certeza da partida  
ou da  
chegada

Quero a curva cerrada  
o risco abstrato  
buracos e mais buracos no  
meio  
do caminho  
as coxilhas ondulosas  
por onde andarei  
conforme o cansaço dos joelhos...

E ao fim  
com o suor confundido à garoa  
descansar de palavras  
minha  
incompletude

## **DA VIDRAÇA**

Quero-queros erguem consigo  
a manhã de domingo  
visivelmente desbotada

O cão da rua  
fareja gramados e garoas  
depois parte mas

até quando?

É dada a largada da primavera:  
seus laranjais de perfume  
seu equinócio  
sua rinite alérgica  
seus sucessos de cinema comercial

Um vizinho de bombacha apanha gravetos  
pelo pátio

Ventam galhos  
Ventam muros elétricos  
Vem então o cão  
outra vez  
sem farejar adiante

legendas para audição

Em algum lugar do planeta  
já são oito horas

Aqui, não

# CANCIONEIRO DE SILENCIOS

Não retornas

Idas são teus rastros  
ainda que estreitos  
como as próclises e os farrapos

Esboças surtos  
saltos  
certos

Formulas folcroles com teus  
dedos de mate

Tua mente  
é um arremate  
um                   arremesso

o eterno erguer  
depois do descomeço

Não retornas

nem por joia e nem por dengo  
pois quis a encruzilhada  
que fosses tu outro  
andarengo

II



*“Tem gente que vem a trabalho,  
eu vim a passeio — e não gostei —  
o resplandecer da alma é efêmero.”*

**Hilda Machado**

*“explicar con palabras de este mundo  
que partió de mí un barco llevándome”*

**Alejandra Pizarnik**



## IDÍLIO

Quem me dera encarar  
o mundo  
como o fazem as crianças

e enxarcar de luz  
os noturnos galpões  
da demência

Quem me dera encarar  
o mundo  
como o fazem as crianças

tocar a grama fugidia das cidades  
com a ponta dos dedos  
franjados de brumas  
ou de pastos

talvez cada túmulo  
cada treva  
se adivinhasse fantasia

talvez cada diálogo amargo,  
poesia

Quem me dera encarar  
o mundo  
como o fazem as crianças

com a pura prata nos olhos  
a improvisar tudo  
que vê

com uma praia deserta  
distendida no sorriso  
(onde a censura não se conhece)  
sem medo do amor

Quem me dera encarar  
o mundo  
como o fazem as crianças

transformar os degraus que surgem  
no destino  
em pequenos prelúdios  
para castelos  
cercados de pomares  
cujo fruto seja  
a cantiga de antes do sono

e cravar à rotina da terra  
os lírios do sonho

Quem me dera encarar  
o mundo  
como o fazem as crianças

e desconhecendo a ordem  
dos dias e dos meses  
não me aprisionar nas rédeas do tempo

e viver coisa por coisa  
em seu devido  
momento

Acima de mim:

o espaço inocente  
os pássaros pousados nos  
quadris de auroras crespas  
as nuvens feitas de leite e lã

e apenas longe  
muito, muito  
a morte  
que pareceria doutra vida  
perdendo o grave tom de sua  
ameaça

Quem me dera encarar  
o mundo  
como o fazem as crianças

sem saber que tudo isso  
um dia  
passa

## **MONOCROMÁTICA**

Carcarás fixos no movimento  
Urubus inertes em terra sulina  
Pombas do voo hesitantes

Um vento brutal bate  
galopa  
resvala  
enviesando acasos e destinos

E a laguna que era dos patos  
finge mar sem cerimônias  
impenetrável  
violento

feito a vida  
que hoje não está para aves

como nunca esteve  
para gente

# DAGUERREÓTIPO TRÊS POR 4

Exalas o verde  
de teus olhos-lente

As algas na areia  
e as abelhas  
contudo  
procuram sobrevivência entre

garrafas de pinga  
isqueiros  
epígrafes  
xepas de cigarro  
cacos de amanhãs

## Todo o resíduo do espetáculo humano

Não basta o nascente e  
o poente  
Não basta a lagoa de espelho  
transportando ao nível nosso  
nuvens  
A lua  
escorada sobre  
a planície

O silêncio  
O silêncio  
O silêncio

de cujos lábios de viola  
extraio o som além  
antes que eles

voltem

## MÚSICA DESTOANTE

Chovo  
sobretudo por dentro  
quando a música  
do toque meu  
soa-te exílio      ruído

Fico como livro  
na estante empoeirada das horas  
em espera de ser  
lido

Anoiteço amareladas auroras

desconecto-me  
de realidades

e dum único vazio  
adentro as suas várias  
profundidades.

## TARDE QUALQUER

Desanoitece um bocejo  
bem no quintal  
que me morou algum

Respiro três vácuos  
por  
segundo  
e o mundo  
fotografa talento nenhum

À deriva das possibilidades  
abrem-se semáforos:

flores se fecham  
uma flecha súbita  
fluxo frenético

Quem compõe esse desen- -contro?

A procissão motorizada  
cospe fumaça e  
histeria aos  
céus

E não há prece  
não há dom  
não há verbo  
que me leve deste desterro

## ORTOGRÁFICO

Um resmungo amargo  
ecoa  
Meses tecem calendários silenciosos  
que tentam ler minha sorte

mas o que tenho é saudade  
e morte

As vozes se acovardam  
entre vãs opiniões  
que me fazem desejar a terra  
onde sou sul      enclave      serra

Crianças rezam antes do sono  
em busca de uma improvável  
abolição

e já não temos tronos  
nem tremas  
para arguir deus  
da ferrugem destas algemas

## **FOGO FÁTUO**

Os olhos perderam calibre  
e a única munição é  
a pólvora das palavras

Da rua adentram:  
frio  
plágio  
ermas                  fronteiras

Os guaxos da noite  
enluarizam escusas vidraças  
poças d'água ardente  
oferendas para os escravos mortos  
pela história

Logo antes da esquina  
me avizinho

Estou sujo e sonso  
Talvez com um deserto arqueado  
sobre  
a boca

como se corresse ao ritmo  
do teu desejo

Sinto o vento golpear a cara  
trazendo parcelas de música

sílabas átonas  
presas ao vômito

brasa na qual me atiro  
quando arrefeço

## O GURI DAS ORELHAS DE REBENQUE

Há um desejo de grito  
que pulsa  
em teu corpo manejo

revólver reverberado

Que estilhaça os pregos  
das porteiras cerradas  
ao passado

És um terreno baldio  
um céu infértil de cascas  
sem sol nem nuvem  
um interminável término

Cada ladrilho sobre o qual pisas  
deixa em teu solado  
um triste passeio

Andarengo noturno  
cindido ao meio

Através das esquinas  
persianas se fecham  
ripa por ripa  
agora

e as luzes se apagam dentro  
alargando escuro  
aquilo que se sabe fora

## **ANSIEDADE**

Faz azul lá fora  
enquanto tua ausência  
é um claustro

que flameja ódio  
raiva  
mijo

que arde pernas e                   genitálias  
que estralha  
as flores de um jardim  
de plástico

|        |        |        |             |
|--------|--------|--------|-------------|
| Engulo | cinzas |        |             |
| Engulo |        | vícios |             |
| Engulo |        |        | as vísceras |

para preservar uma paz  
dramatúrgica

mas sem a qual  
não sei viver mais

## MELANCOLIA

Às vezes te chegas brusca  
num coice  
numa contração sísmica

e me quedas por dias  
que parecem  
quilômetros

Outras vezes te prenuncias  
como a sede  
em desertos de garganta

bates à cinza porta de meu peito

mas logo te arrancas  
a fim de se fingir  
visita

Quando contudo  
arisca  
muito te somes

amanheço idiota  
com um sorriso palhaço  
grudado à barba

sem                    o dom                    da poesia

e de tudo faço para que voltes  
galopando  
melancolia

AUTORIDADE

Haverá sempre  
entre nós  
um muro  
uma trava  
uma estância

que impedirá de colhermos os frutos da presença e falarmos palavras simples de silêncio

## Um limite pelos relhos imposto

além da incurável estranheza ante o oposto

Uma cerca  
de arames farpados  
de egos feridos  
de corações estrangulados de orgulho

mesmo num impossível abraço  
mesmo que faça um dia  
bonito



III



*“Formaremos um tomo, e o resto desenharemos, e o resto do resto diremos nas mesas das pulperias.”*

**Luiz Sérgio Metz**

*“A man is rich in proportion to the number of things he can afford to let alone.”*

**Henry David Thoreau**

*“Ama como a estrada começa.”*

**Mário Cesariny**



# **IMAGINAÇÃO**

E com o poder duma criança transformar:

céu em terra,

areia

em  
mar

YANEL

Em ti  
fica tão bela a velhice:

a atrofia suave das carnes  
o crepúsculo desmaiando entre  
um bocejar e outro  
a serenata dedilhada para espantar vendavais  
de misérias

Tal qual o vinho  
demorado numa talha de barro  
vestes muy bien o tempo

embora não haja  
mais alegria  
nesta fase  
da vida  
tua

Numa sala degolada em mofo  
agora  
te escuto e  
ainda assim  
consegues trazer para cá

## ares de malambo

que me permitem respirar  
como se fosse eu  
a própria  
infância

e tu  
guitarra pampeana

## **JUVENTUDE**

Te antecipas  
apressadamente  
à alba

como o pescador de  
ausências,  
ao mar

# FOTOGRAFIA

Mãos vasculham teus cabelos  
atrás  
de um pensamento  
que não seja só  
mais outro

Arpejos surrealistas  
jazem vivos  
na cozinha  
onde horóscopos trocam signos

## A fumaça que do cachimbo se evola

### Dedos de amarela nicotina

Que tua mandíbula  
mastigue pedras  
e me devolva  
poesias

## **DESCONSTRUTORAS**

Agredindo a terra vocês me agridem

e agridem meus filhos  
e os filhos dos meus filhos  
e assim  
sucessivamente

Agredindo a terra  
vocês sufocam minha garganta

que se não é de planta  
também não é de gente

Agredindo a terra vocês a esterilizam  
e erguem  
em seu ventre  
condomínios  
com sacadas comprimidas

e estipulam valores vários  
e financiam várias                  vidas

## **UM TALVEZ HAICAI**

Primavera desce  
Flores desconfinam-se  
Céu que amarelece

(RE)CICLO

Guardanapo branco  
dobrado em quatro  
sob o prato

Com ele limpo:

os dedos  
os fiapos da boca  
que pede            beija            manda à  
merda  
doutores que me exigem etiquetas

e

## exegeses

Guardanapo de papel  
em que escrevo superlativos  
com caneta bic  
num hotel barato em

Guardanapo em rolo  
que me absorve gorduras  
vexames  
pesadelos concebidos antes

da vigília

e que quando termina  
é brinquedo

reciclagem

geometria

Guardanapo aos trapos  
aos montes  
que tanto fez  
agora amontoado  
nesta lixeira plástica  
pronto para ser levado por homens  
que trabalham como

e mal ganham pra comprar  
guardanapos

## **PERGUNTA**

na

multidão

perde- se

os

indivíduos?

## **POEMA**

quero  
que me  
caligrafes com mãos  
de cálidas romãs  
colhidas manhãs  
na taça  
no torso  
contido  
contudo  
contato umbigo e  
olfato  
olhos que sirvam  
ao tato  
à nuca  
nunca dantes adivinhada

quero que  
me  
poesies o verbo  
meu verso  
inverso que me abrasa  
a boca oca  
de mantos e mantras  
de coisas tantas  
em cujos  
inter- -valos  
cabem mundos  
valos, galopes e cavalos  
e os espinhos  
que engulo quando  
pulo  
entre as tardes  
de tuas carnes

## **INTUIÇÃO**

Teu coração  
não pensa

Age simplesmente

E em teu vasto solo  
jamais permites  
que germe vis  
sementes

AMOR

Te fiz casa  
de minha carne  
pergunta  
ao meu reflexo

Assim flecha  
penetrei teu flanco  
e franco  
desenhei dunas  
onde eras fogosas planícies

pois fui inteiro demanda  
nos teus trilhos  
escusos

## Pedra Serrote Gânglios instáveis de febre

Se em ti urde a sarça  
a mim resta  
o breve

## **OUTRA PERGUNTA**

Por que

só depois de  
mortos  
ganham ruas aqueles que

em vida

nos deixaram  
mundos?

## **NOITE**

À cama  
me aguardam o sono e o amor

Deito quente  
o corpo que pede  
acolhida  
cantiga de silêncio  
boca para beijo e companhia

O abajur ilumina  
aquele que do quarto  
não sabe timidez  
  
e os outros aposentos escurecem  
noturnos  
seus murmúrios

Amanhã pode haver sol  
pode haver chuva

não importa a primavera  
ou o outono  
pois

à cama  
me aguardam o amor e o sono

# **CONFISSÃO**

mentir

é  
a  
única  
travessia  
segura  
ao

poeta.







Não acredito na possibilidade do artista se dissociar totalmente de sua prática artística. Em outras palavras: uma obra sempre carrega traços daquilo que o seu criador é (ou acredita ser) no momento.

Os textos que compõem este livro foram escritos, em sua maioria, durante a segunda metade de 2021, bem quando cheguei a Pelotas. E aqui topei com uma cultura — e não me refiro àquela, pelotense em seu sentido estrito, de famílias que ainda conservam em sal grosso o ethos e os últimos espasmos de suas fortunas — extremamente genuína, porém apátrida quase, não fosse a Pampa. Cultura de estética marcada pelo frio, tão oposta ao tropicalismo tecnicolor brasileiro.

Exercício de Terra é portanto o sutil impacto que as latitudes sulinas surtiram em meus subterrâneos. Impacto cujos ecos ressoaram em minha poesia, que nada mais é senão um breve voo de linguagem.

coxilhas  
milonga  
andejos  
rosa bagual  
e o mate  
num frio  
afinal

Nada escapa ao verso que, crescente, tropeia pelos planos horizontes (sobre os quais meu coração se debruça) até maturar-se poema. Poemas não para serem interpretados, mas sim ingeridos e, sobretudo, ruminados com a elegância natural de quem prefere a barbárie à civilização.

Pelotas,  
setembro de 2023.





SOBRE  
O  
AUTOR



***huggo iora*** nasceu em maio de 1992, é poeta e vive em Pelotas/RS, onde pesquisa sobre as manifestações culturais dos pampas, a exemplo das payadas e milongas. Possui textos publicados em periódicos literários como Jornal Relevo, Literatura e Fechadura e Revista 7faces, além de integrar a antologia “Volta para tua terra” (editora Urutau), à época em que residiu na cidade de Coimbra. Exercício de Terra é seu terceiro livro.

Este livro foi editorado com as fontes Times LT Stand e  
Bebas Neue.

é a terra que inaugura  
sob os calcanhares da urgência  
um tempo próprio

no qual todas as coisas  
tornam-se  
as coisas mesmas  
sem a fronteira que são  
  
as palavras

